

Em Defesa do Fazer Poético

Leitura comparativista de dois poemas em língua portuguesa

Edimara Lisboa Aguiar¹ (USP)

Resumo:

Este artigo traz uma leitura comparada dos poemas “Tenho uma folha branca” de Ana Cristina César e “A forma justa” de Sophia de Mello Breyner a partir da questão da comunidade levantada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben. Se as realidades brasileira e portuguesa têm as suas especificidades, é certo que a poesia de ambas traz reflexões acerca da ditadura militar, explícita ou implicitamente. Mais do que aproximar as duas autoras, pretende-se expor uma análise de poesia a partir de determinado pensamento filosófico.

Palavras-chave: Comparativismo em Literatura; Poesia; Ditadura Militar.

Abstract:

This article presents a comparative reading of poems "Tenho uma folha branca" by Ana Cristina César and "A forma justa" by Sophia de Mello Breyner from the question about community investigated by the Italian philosopher Giorgio Agamben. If the realities of Brazilian and Portuguese have their specificities, it is true that poetry of both have been bringing reflections on the military dictatorship, explicitly or implicitly. Rather than bring the two authors, aims to expose an analysis of poetry from a certain philosophical thought.

Palavras-chave: Comparativism in the Literature, Poetry, Military dictatorship.

Introdução

Todos nós sabemos que a maior parte das nações da atualidade abraçou (e não discutiremos aqui a amabilidade deste abraço) o sistema neocapitalista pós-industrial centrado na atividade empresarial essencialmente volante. A instabilidade latente dessa essência a todo o momento põe em cheque a utilidade das práticas que são anteriores a esse sistema, num culto ao mais rápido, ao mais prático e ao mais necessário em vias pragmáticas.

A poesia de hoje não pode mais se sustentar na célebre justificativa de Cícero dada no Pró-Árquias. Para imortalizar os grandes feitos dos homens e exaltar a potência de uma nação melhor que ela fazem as mídias digitais que registram, editam, relacionam e divulgam fatos de forma rápida e direta. Por sua capacidade de apreensão sensível, elas tocam os sentidos mais primitivos do homem, exigindo um menor nível de esforço e espera na recepção e decodificação da mensagem.

Agamben (1993) nos dá as ferramentas para pensar a poesia contemporânea produzida no seio desse sistema. Ele vê todo exercício da linguagem como a melhor forma de o homem recuperar a sua natureza comunicativa modulada, ou mesmo perdida, ao longo da infância; como um retorno às singularidades quaisquer que, como as almas no limbo, encontraram o sentido de ser dentro delas mesmas sem a culpa dos que habitam o inferno e sem a alegria de quem mora no paraíso. É a linguagem servindo não de ferramenta social da comunidade, mas de instrumento de reafirmação do “eu” original.

A poesia contemporânea, deste modo, é aquela que faz resistência ao sistema sem o procurar fazer, que desperta o poder de linguagem adormecido em seus leitores sem que seja preciso ensiná-la, que recupera o prazer nas palavras sem trabalhar os vocábulos facilmente intensos e belos.

E por nascer de uma força primitiva, não é simples determinar as características comuns desta poesia, principalmente em um momento histórico em que o comum está em crise. Por isso, faremos uma leitura comparativa que mais do que apontar as semelhanças, procurará entender as singularidades de dois poemas que, como esta introdução, procuraram responder a seguinte pergunta: qual o papel da poesia, e do poeta, no meu hoje?

2. O mudo convite para Ana C.

Tenho uma folha branca
e limpa à minha espera:
mudo convite

tenho uma cama branca
e limpa à minha espera:
mudo convite

tenho uma vida branca
e limpa à minha espera:

In: CÉSAR, Ana Cristina Cruz. **Inéditos e Dispersos**. Ática: São Paulo, 1998.

Neste poema, a justificativa encontrada para a poesia é traduzível no olhar à volta, é silenciosa como o mais simples dos prazeres. A poesia é preciosa porque é fundamental e imprescindível.

Incluída na Geração Mimeógrafo, ou Literatura Marginal, da década de 1970, Ana Cristina Cruz César (1952-1983) nasceu em uma família culta e protestante da classe média carioca. Sua relação com a poesia começou bastante cedo, mesmo antes de ser alfabetizada ela já ditava poemas para que sua mãe os escrevesse. Sua poesia tem forte relação com a literatura inglesa devido aos anos de estudos em Londres e à sua formação superior na Faculdade de Letras da PUC-RJ, cercada por reflexões sobre as palavras e as línguas. Distanciada do movimento tropicalista e da poesia como arma política contra a ditadura, a obra de Ana C., como gostava de ser chamada, é bastante particular e pessoal em suas escolhas ficcionais.

Segundo Maria Lúcia Camargo, naquela década, principalmente até 1974, “uma múltipla ‘cultura à margem’ se instala: à margem da intelectualidade, à margem da sociedade de consumo, à margem da moral estabelecida, à margem da atuação política direta na esquerda revolucionária” (CAMARGO, 2003. p.29). Como poucos, Ana C. saberá traduzir esse grupo dos sem-grupo, através de seus poemas que não precisam ter função para existir, com uma poesia que antes de ser uma profissão, um fazer motivado, é uma ferramenta de expressão do eu, de auto-descoberta, de satisfação pessoal e íntima, num mundo em que a vida interior e os espaços privados estavam sendo anulados paulatinamente.

Mais do que uma defesa do fazer poético, “Tenho uma folha branca” faz-nos refletir sobre o que é a poesia não só na visão da autora, mas num Brasil em plena ditadura militar. Poesia é aqui o convite do papel em branco para o exercício da linguagem, natural e simples como o de uma cama feita, de braços abertos para o corpo cansado depois de um longo dia. É a poesia que pensa o hoje, as coisas e os homens de hoje, e que não se interessa em ver para além do presente, decifrar os códigos do insondável futuro, construí-lo por meio da esperança de que um novo mundo é possível. E esse “dilema sem solução” que ela cria é um “enigma sedutor” (PEIXOTO, 2003. p.277) em sua simplicidade e discrição.

3. A arma da justiça para Sophia de Mello Breyner

A forma justa

Sei que seria possível construir o mundo justo
As cidades poderiam ser claras e lavadas
Pelo canto dos espaços e das fontes
O céu o mar e a terra estão prontos
A saciar a nossa fome do terrestre
A terra onde estamos – se ninguém atraísse – proporia
Cada dia a cada um a liberdade e o reino
– Na concha na flor no homem e no fruto
Se nada adoecer a própria forma é justa
E no todo se integra como palavra em verso
Sei que seria possível construir a forma justa
De uma cidade humana que fosse
Fiel à perfeição do universo

Por isso recomeço sem cessar a partir da página em branco

E este é meu ofício de poeta para a reconstrução do mundo

In: ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **O nome das coisas**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

Para que serve um poeta? Nos momentos difíceis, nos momentos fáceis, será que uma palavra pode salvar o mundo? Será que um verso pode fazer a revolução? O motivo da poesia, aqui, continua sendo pragmático. Só que não mais de registro do passado, e sim de construção do futuro. A beleza da palavra dita, a força do que se diz, tem poder para mudar a sociedade.

Uma das escritoras portuguesas mais importantes do século XX e a primeira mulher a receber o prêmio Camões de Literatura (isso em 1999), Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) nasceu no seio de uma família aristocrática cristã. Apaixonada pela Grécia e por sua cultura, vai estudar na Faculdade de Filosofia Clássica da Universidade de Lisboa, onde rapidamente se engaja nas propostas políticas dos jovens estudantes. Torna-se dirigente dos movimentos universitários católicos e, ao mesmo tempo, colabora para a Revista Cadernos de Poesia através da qual faz amizade com escritores importantes como Rui Cinatti e Jorge de Sena.

Sem desligar da vida pessoal, Sophia foi mãe de cinco filhos entre eles o renomado escritor Miguel de Sousa Tavares – autor do romance **Equador**, adaptado para minissérie televisiva em 2009 –, ela se dedicou ao movimento liberal de resistência ao salazarismo sem perder os vínculos com a poesia e com a literatura infantil, pela qual ficou conhecida.

Na segunda metade da década de 1970, durante a qual esse poema foi escrito, Portugal já estava liberto do regime militar e Sophia era integrante da Assembleia Constituinte que procurava adequar o país para o novo regime, agora democrático. Era um momento de esperança, de confiança no futuro, diferente da situação do Brasil, onde um regime ditatorial iria persistir até 1985. Provavelmente por conta disso, a reflexão que o poema traz sobre o papel da poesia no caótico mundo da pós-modernidade tem um tom profético positivo, e porque não dizer utópico.

O significado da palavra justiça no vocabulário do poema, tão qual em Aristóteles, é bastante concreto. Ela expressa um mundo que, mais do que desejado, é possível. O papel do poeta diante desse sonho realizável de mundo melhor é espalhar essa certeza por meio de uma linguagem trabalhada. Ainda assim, “A forma justa” não segue os moldes tradicionais da poesia, o eu-lírico não escolhe as palavras facilmente poéticas, nem cria imagens sublimes, ele encontra essa justiça essencial nos pequenos momentos cotidianos. Em meio ao ambiente urbano de nossos dias, ele encontra um sentido uno para a justiça na construção de um poema.

Ainda assim, é possível encontrar uma grandiloquência nessa visionária do visível. Sofia de Mello Breyner é:

uma das vozes mais nobres da poesia portuguesa do nosso tempo. Entendamos, por sob a música dos seus versos, um apelo generoso, uma comunhão humana, um calor de vida, uma franqueza rude no amor, um clamor irredutível de liberdade – aos quais, como o poeta ensina, devemos erguer-nos sem compromissos nem vacilações. (SENA, 1959. p.40).

Ainda sobre a força de sua poesia, no episódio 12 da série de televisão **Grandes Livros** da emissora portuguesa RTP2, a escritora Isabel Alçada diz o seguinte sobre Sophia: “ela era corajosa, a poesia dela é forte, parece simples, mas é forte porque põe mensagens que levam as pessoas a encontrarem em si mesmas a força para reagir perante aquilo que está errado. Ela era afirmativa, e sendo muito suave aparentemente, era extremamente poderosa”.

Quanto a nós, e refletindo especificamente sobre esse poema, acreditamos que a força da poesia de Sophia está na forma como o eu-lírico olha para o mundo cotidiano e consegue extrair dele uma mensagem positiva para o futuro. O seu ver o mundo foge ao simples prazer de contemplação, ele desce à palavra, e aqui esta é a missão última do poeta: revelar o mundo na sua pureza anterior às fraturas provocadas pelos séculos e redescobrir a essência, a pureza original, a unidade de tudo em tudo. Só que essa visão de mundo ideal não remete ao saudosismo tipicamente português, ao retorno ao paraíso perdido como uma viagem nostálgica a um passado mítico, mas a um futuro que redescubra a dimensão sagrada do real. E como pode um poema fazer com que vejamos o real? Trazendo o real para a luz, em palavras, sobre a folha em branco.

4. Enfim, duas formas de pensar a poesia

Como fazer um estudo comparativo entre duas poetizas tão diferentes, que viveram realidades diversas em países distintos? Abdala Junior (2003) fala de um sentimento de parentesco para além do Estado que nos permite falar hoje, quando os Estados nacionais enfraquecem, em uma “proximidade comunitária supranacional” que permitiu a formação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Mesmo que encontrando respostas diversas, é interessante notar que Ana C. e Sophia de Mello Breyner se fazem a mesma pergunta, questão essa que ecoa na sociedade do útil, do fácil e do novo. Se o clima pós-ditadura em Portugal era eufórico também o foi no Brasil da década seguinte.

Mais do que nunca, hoje caminhamos iguais nas incertezas, num momento em que as vozes de esperança, como a de Manoel de Oliveira, se esgotam. Concordamos com Sousa Dias (1998) para quem “toda a criação é um ato de fé”, e por isso ainda hoje

a criação [poética] pode aparecer contra as forças históricas dominantes, como força não histórica em correspondência com um horizonte ontológico virtual, horizonte de vida, de uma

comunidade sempre futura[, a comunidade que vem pelo qualquer de que fala Agamben], de uma humanidade mais afirmativa ausente, impossibilidade presente, horizonte de toda criação. (DIAS, 1998. p.25).

Cada um a seu modo, os poemas nos trazem novas formas de enxergar a poesia, ensinando-nos a procurar captá-la antes de tentar entendê-la. Se positiva ou negativamente o fazem, se relendo o passado, vendo o presente ou pregando sobre o futuro o fazem, nenhuma das formas de leitura é menos interessante, menos nova, menos válida.

Cabe a nós, como leitores críticos, lhes retirar sentidos, garantir a vida ao texto, trazê-lo para nossa forma de ver, de pensar e, por que não, de transformar o mundo. Ainda que se tenha deixado de falar em um novo mundo possível aqui no Brasil pós-1968, não significa que novos discursos não virão para recuperar a ideia, e adaptá-la a nossa atual forma de enxergar a realidade que nos rodeia.

Referências Bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin. **De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos**. Estudos Literários 15. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Tradução de António Guerreiro. Lisboa: Presença, 1993.

CAMARGO, Maria Lúcia. **Atrás dos Olhos Pardos: uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar**. Chapecó: Argos, 2003.

PEIXOTO, Marta. “Sereia de papel: Ana Cristina César e as ficções autobiográficas do eu”. In: SÜSSEKIND, Flora; DIAS, Tânia; AZEVEDO, Carlito (orgs.). **Vozes femininas**. Gêneros, mediações e práticas da escrita. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 275-284.

SENA, Jorge. “Alguns Poetas de 1938”. In: **Colóquio Artes e Letras**, nº 1, Janeiro de 1959.

DIAS, Sousa. **Estética do conceito: a filosofia na era da comunicação**. Coimbra: Pé de Página, 1998.

¹ Edimara Lisboa AGUIAR, graduanda
Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: edimara.aguiar@usp.br